

Resgatando memórias: O hospital São João de Deus em Laranjeiras- Sergipe e sua representação social.

Danielle de Oliveira Cavalcante (PROHIS/UFS)

Dentro do contexto do século XIX o mundo passa por transformações e crescimento dentro de um ritmo acelerado da modernização, trazendo como consequência disso, o processo de urbanização das cidades. As cidades brasileiras, grandes e pequenas, vêm passando por tais mudanças em seus traçados urbanos, sociais, econômicas e culturais.

A modernidade no contexto urbano veio associada a ideias de mudança e de ruptura com o passado, de substituição do velho pelo novo. As consequências de destruição e perdas no espaço das cidades podem ser percebidas mesmo quando elementos da cidade antiga permaneçam ao lado dos modernos (SANTOS, 2009, p.16).

Num aspecto de transformações aceleradas, urbanização de cidades e ruptura com o passado, encontramos a pequena cidade de Laranjeiras. Localizada no Estado de Sergipe, com uma distância de 23 km da capital Aracaju, tem uma representação histórica e arquitetônica da supremacia cultural européia. Encontramos em seu entorno estético a presença portuguesa dos séculos XVII, XVIII e XIX.

Observa-se a cidade de Laranjeiras sob os efeitos da transição do tempo em sua materialidade, se modificando e/ou desaparecendo entre renovações e modernizações do espaço, processo que também deixa muitas marcas nas memórias de diferentes grupos sociais. Ainda que a memória se afirme nas continuidades urbanas, o esquecimento está presente na deteriorização daquilo que já é passado (SANTOS, 2009, p.16).

A memória como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva que perpassam a relação dos

indivíduos e/ou da coletividade (LE GOFF, 2003, p.419). Assim a memória compõe-se como:

[...] um elemento essencial do que se costuma chamar de *identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia* (LE GOFF, 2003, p. 469).

Em 1863 a cidade vivia o seu apogeu comercial com o título de Empório Comercial de Sergipe por estar em contato direto com a Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro. Este foi o ano em que também ocorreu a segunda epidemia da Cólera Morbo nesta cidade, fazendo assim inúmeras vítimas (OLIVEIRA, 1935, p. 128).

A saúde pública encontrava-se fragilizada como informa o Relatório de Presidente da Província de Sergipe (1864, p.02) onde constam relatos sobre as ações das autoridades e os recursos disponibilizados para a melhoria do contexto, todavia, sem sucesso: “A saúde, mercê de Deus, não tem n’estes últimos tempos, depois da cessação do cholara-morbus, soffrido a mínima alteração.”

Assim, Dr. Francisco Alberto Bragança juntamente com outros médicos e autoridades Laranjeirenses, vendo a necessidade de ter um Hospital na cidade, em 14 de Março de 1864, promove uma reunião para definir a criação de uma Irmandade da Piedade e da Misericórdia que, posteriormente, estaria vinculada a um Hospital de Caridade para dar aos desvalidos e aos enfermos daquela comunidade o socorro necessário (OLIVEIRA, 1935, p. 104).

No ano de 1866, na casa de propriedade do médico Francisco Alberto de Bragança, na extremidade de uma barranca desabitada com fundos para o rio Cotinguiba, de onde se avistava as Igrejas de Nossa Sra. da Conceição dos Pardos e de Nossa Sra. do Rosário foi concluído o andar superior do Hospital da Caridade de Laranjeiras São João de Deus (protetor da pobreza enferma). Foi nesse local que Lampião teria sido atendido na “calada da noite” passando-se por um fazendeiro pernambucano por volta de 1929 (AZEVEDO, 1971).

A instalação deste pio estabelecimento, cuja idea ao espirito de caridade e philantropia de que são dotados os habitantes d’aquella importante cidade, teve lugar no dia 29 do anno passado, a cujo acto tive de assistir e por essa occasião observar o asseio e decencia da respectiva casa, oferecendo assim os necessarios commodos para o tratamento dos doentes. (RELATÓRIO DE PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DE SERGIPE, 21/01/1867, p.32)

O hospital, vizinho à loja maçônica do município, encontra-se hoje em ruínas, completamente abandonado, conservando somente sua fachada e desprotegido em sua entrada mesmo se tratando de uma propriedade particular. A construção possui uma grande variedade estilística (evidenciando aspectos do ecletismo e neogótico) em sua arquitetura composta por suas janelas e porta arqueadas, frisos e vários ornamentos em forma de losangos com brasões que lembram uma flor-de-lis e um caduceu, símbolos que representam a medicina, peculiar adornando o frontão acima da porta da entrada (MELLO, 2011a, p.309).

As interferências nas edificações de Laranjeiras em seu contexto urbano, com mudanças no âmbito social, denotam processos de ruptura e continuidade com seu passado. Através de destruições e perdas no espaço da cidade, percebidas principalmente quando convivem elementos da cidade antiga (ruínas) ao lado de elementos modernos (restauros ou novas construções), a urbanidade é vista como representação do que já foi, do que não é mais e do que se propõe a ser de agora em diante (SANTOS, 2009, p.16).

Á partir da ação do tempo sobre a cultura material, seu contexto histórico e relações sociais desenvolvidas pela comunidade nas estruturas de seu entorno, as memórias coletivas tornam-se visíveis ou invisíveis enquanto símbolos de decadência ou patrimônio. Nesse sentido, o estudo do Hospital São João de Deus, conectado aos aspectos da memória, torna-se um importante instrumento para o entendimento das percepções dos grupos sobre as representações sociais do espaço edificado sob o signo do caduceu.

A pesquisa insere-se no âmbito da História Cultural ao configurar-se como o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido, uma vez que as representações podem ser pensadas como: “[...] esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” (CHARTIER, 1990, p.17).

Quer seja nas ruínas que acondicionam o caduceu em sua fachada, quer seja nas memórias e representações sociais que permeiam a existência do hospital, a referida pesquisa tem como principal objetivo, estudar o processo de construção das representações sociais em torno do Hospital São João de Deus (Laranjeiras/SE). E dessa forma analisar as antigas estruturas que compunham o Hospital São João de Deus, a partir da sua cronologia, materialidade e apropriações sociais em Laranjeiras.

A História ao estudar os processos relacionados à memória de uma edificação contribui para a identificação, valorização e preservação do patrimônio cultural material (JORGE, 2000). E com a produção de informações sobre o hospital, pretende-se um melhor entendimento de sua significação social em Laranjeiras a partir do século XIX até a contemporaneidade, imbuída em discursos textuais oficiais e orais extra-oficiais.

Dentro de um contexto de patrimônio cultural no qual se insere o hospital São João de Deus, o autor Antônio Arantes contribui da seguinte forma: o patrimônio tem o objetivo específico de integrar representações simbólicas de identidade e, como tal, de participar de processos culturais, políticos e da economia.

Para bem entender a eficácia simbólica do patrimônio é preciso matizar a compreensão de seus efeitos sobre a formação da nação e da cidadania, e lembrar que embora a preservação legitime, por definição, os marcos e símbolos de que se apropria, ela não o faz automaticamente. A produção do patrimônio é, no fundamental, uma questão de atribuição de valores e construção de sentidos. Portanto, diferença, diversidade e conflito lhes são absolutamente inescapáveis (Arantes, 2009, p.16).

Esses valores e sentidos são dados ao patrimônio de uma dada cidade, podendo ser integrado às culturas locais ou recusado por elas, dependendo dos usos sociais a que vier servir. Essa expressão patrimônio cultural, ainda segundo Arantes, designa de fato construções ideológicas ou representações que requerem, elas mesmas, explicação (Arantes, 2009).

A existência do referido hospital nos momentos críticos de epidemias de cólera morbus e varíola na cidade e as ações governamentais em torno de providências a respeito da saúde pública em Sergipe aparecem transcritas tanto nos Relatórios de Presidente de Província (1835 - 1918) como nos *Diários Oficiais* (1909; 1934) enquanto fontes ainda pouco relacionadas ao prédio do hospital.

Dentre as publicações dedicadas à História de Laranjeiras (Cf. NUNES; SANTOS, 2009, p.155-207), ainda não existem trabalhos acadêmicos de profundidade no campo da História que tratem o hospital como objeto específico de pesquisa em monografias, dissertações ou teses, embora dados do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e da Prefeitura Municipal de Laranjeiras apontem essa construção do século XIX como uma das mais importantes da região do Cotinguiba (MAPA HISTÓRICO-CULTURAL DE LARANJEIRAS, 2011).

Na seara da historiografia sobre a cidade de Laranjeiras, a obra *História de Laranjeiras Católica* é um trabalho que ajuda a remontar alguns aspectos socioculturais da população laranjeirense no século XIX, trazendo relatos sobre a cidade, a saúde pública e o papel do hospital São João de Deus através das pesquisas do Cônego Philadelpho Jonathas de Oliveira.

Os *Relatórios de Presidente de Província de Sergipe* (1835-1918), enquanto fontes primárias, ofertam uma grande contribuição informando sobre a saúde pública de Laranjeiras, com destaque para o hospital São João de Deus em sua trajetória e dificuldades. Segundo relata o Exmo. Sr. Dr. José Pereira da Silva Moraes (1867), Presidente da Província e autoridade presente na inauguração do hospital, a instalação do estabelecimento, sob o espírito de caridade e filantropia, o levou a observar o anseio e decência da respectiva casa, oferecendo assim os necessários cômodos para o tratamento dos doentes.

O Dr. Antônio Militão de Bragança assumiu e administrou o Hospital São João de Deus, fundado pelo seu pai o Dr. Alberto de Bragança, anos depois da sua morte. O artigo em homenagem ao centenário de nascimento do Dr. Antônio Militão de Bragança na *Revista do IHGSE* de nº 24 (1960), escrito pelo Dr. Juliano Simões, contém relatos sobre a sua trajetória médica e a preocupação com a população frente a epidemia de varíola entre 1911 – 1912, evidenciada por uma citação de sua fala:

Aceitei como um apêlo ao meu amor à terra que me deu o berço e não podendo ser indiferente ao infortúnio que fatalmente lhe traria a epidemia invasora, não tendo até então encontrado o Governo Médicos que se quisessem comissionar para os trabalhos da varíola nesta cidade, sem mais hesitações e desfalecimentos, fiel ao juramento de meu sacerdócio, com perigo embora de minha vida, e do que me são caros, aqui fiquei prestando a meus conterrâneos todos os serviços que o terrível morbus reclamava para sua debelação. (SIMÕES, 1960, p.82).

O próprio Dr. Antônio Bragança escreveu a obra *A Varíola em Laranjeiras* (1911-1912) relatando o contexto da população laranjeirense nos tempos da epidemia de varíola, reclamando da mudança da administração e a conseqüente escassez dos recursos, a insalubridade do edifício que abrigava o hospital, afirmando que em 1911 a cidade passava por “amargas, pungentes e dolorosas recordações”.

As paredes negras e tectridas imprimiam ao ambiente uma desagradável tristeza, que ainda mais enfraquecia o moral já abatido

dos pobres enfermos. O solo impregnado de miasmas, causava uma immediata repugnância a todo aquelle que acidentalmente transpunha os umbraes daquela casa, onde vão procurar allivio para as suas dores os infelizes atrozmente torturados pelas vicissitudes da vida (BRAGANÇA, 1912, p.44).

Ainda a obra *Doutor Bragança, esse varão laranjeirense* de autoria de Camarino Bragança de Azevedo, publicada em 1971, é um relato memorialista da referida personalidade, trazendo dados sobre a genealogia da família Bragança, do hospital São João de Deus e do contexto da saúde pública em Laranjeiras sob os auspícios do Dr. Bragança.

Ressalte-se ainda nessa linha biográfica o verbete dedicado ao Dr. Bragança presente no *Dicionário Bibliográfico Sergipano*, publicado em 1925 (p.50-51), organizado por Manoel Armindo Guaraná. E também no *Dicionário biográfico de médicos de Sergipe (séc. XIX e XX)*, organizado em 2009 por Antônio Samarone de Santana, Lucio Antônio Prado Dias e Petrônio Andrade Gomes.

Ainda em 2009, o artigo *Lançando um olhar sobre o patrimônio arquitetônico de Laranjeiras*, dos arquitetos Eder Donizeti da Silva e Adriana Dantas Nogueira, na revista *O despertar do conhecimento na Colina Azulada*, vol.1, embora tratem de diversas edificações na cidade, ao optarem seguir a rota do plano urbanístico do Programa Monumenta/IPHAN de 2003, não fazem qualquer referência ao prédio do hospital.

Em 2011 houve a publicação de dois artigos *A Arqueologia Histórica em Laranjeiras (SE-Brasil): uma proposta de salvaguarda da cultura material portuguesa nas ruínas da cidade* (MELLO, 2011a) na revista *História da Sociedade e da Cultura* publicado pela Universidade de Coimbra e *Arqueologia nas ruínas de Laranjeiras (SE): Novas práticas tridimensionais de salvaguarda do patrimônio histórico* (MELLO; FIGUEIRÔA, 2011) no *jornal da Cidade*, ambos tratando das ruínas do hospital e do teatro Santo Antônio sob o viés da Arqueologia Histórica e da aplicação tecnológica a esses objetos.

Existem poucas obras publicadas sobre Laranjeiras com alusão ao hospital São João de Deus, e as que abordam esse objeto o fazem através de uma escrita memorialista, pouco informando sobre fontes primárias utilizadas na construção narrativa. Outro problema apresenta-se em relação às lacunas e contrações que os mesmos relatos trazem em si, suscitando dúvidas e um anseio por obter uma maior profundidade de análise sobre o tema.

Diferentemente do material bibliográfico tradicional acima referenciado, a intenção dessa pesquisa centra-se na possibilidade de aliar uma documentação ainda não trabalhada sobre o hospital à alguns pressupostos metodológicos, na relação interdisciplinar entre os campos de saber. A partir de sua representação social textual, oral e material, pretende-se analisar as distintas linguagens que o transpassam, elegendo o hospital como seu único objeto de pesquisa e a História Cultural como viés condutor.

A História Cultural tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler. Voltando-se para a vida social, esse campo pode tomar por objeto as formas e os motivos de suas representações e pensá-las como análise do trabalho de representação das classificações e das exclusões que constituem as configurações sociais e conceituais de um tempo ou de um espaço. No entanto, a História Cultural deve ser entendida como o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido, tornando-se aberto o espaço a ser decifrado (CHARTIER, 1990, p.17).

Nesse sentido, o Hospital São João de Deus torna-se tanto na materialidade de sua edificação hoje em ruínas, como nos discursos oficiais textuais e extra-oficiais da oralidade dos moradores de Laranjeiras, um objeto propício a interpretação da representação social elaborada sobre o mesmo.

A representação permite visualizar uma coisa ausente, o que supõe uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado; por outro lado, a representação também é percebida como exibição de uma presença, como apresentação pública de algo, como instrumento de conhecimento que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma imagem capaz de reconstituí-lo em memória e de figurá-lo tal como ele é (CHARTIER, 1990, p. 20).

A presença do hospital nos relatórios de presidentes de província, diários oficiais e periódicos locais que mantêm-se ausente dos relatos memorialistas ou históricos sobre a cidade de Laranjeiras evidenciam esse jogo de luz e sombra na construção da linguagem informativa. Assim como o destaque das ruínas, ora ressaltadas pelo IPHAN e pela Prefeitura de Laranjeiras e ora esquecidas em sua salvaguarda, por serem visíveis ou invisíveis como remanescências decadentes de um passado esquecido, compõe a paisagem imagética da realidade social laranjeirense. E segundo Burke (2008, p. 99), imagens e textos refletem ou imitam a

realidade social, ou seja, construção ou produção da realidade, por meio de representações.

Há um forte interesse popular pelas memórias históricas. Presente em discussões em redes sociais sobre o que teria sido o “Hospital Velho” assim como ficou conhecida as ruínas o referido hospital para a população circundante, expondo fotografias antigas, tentando reviver as histórias ali presentes e cada laranjeirense expressando sua opinião.

Esse interesse segundo Burke é provavelmente advindo da aceleração das mudanças sociais e culturais que ameaçam as identidades, ao separar aquilo que somos daquilo que fomos (BURKE, 2008, p. 88). Desse modo, o estudo do hospital propicia o trânsito pelas identidades da população de Laranjeiras no contexto das alterações sócio-culturais entre o século XIX e XX.

Aliando-se portanto a discussão de identidade à perspectiva da memória, compreendendo-as em sua simbiose no contexto de negociação, mudança e transformação “em função dos outros”, segundo a visão de Pollak para quem:

a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (1992, p.5).

A opção pelo entendimento das representações sociais à partir da metodologia da análise do discurso da linha francesa ocorre em função de ao deparar-se nas fontes textuais com lacunas, distorções ou subjetividades rememorativas sobre o hospital compreender que a linguagem tem haver com a exterioridade, não estando a idéia de todo implicada na idéia de completude. Assim, se a linguagem não é um sistema monolítico, não é completa, não é transparente, nem linear, nem inteira e nem precisa, toma-se “como incompletude o fato de que o que caracteriza qualquer discurso é a multiplicidade de sentidos possíveis” (ORLANDI, 2006:23).

Paul Thompson em *A voz do passado* (1992) já havia detectado o valor das fontes orais na história social moderna, uma vez que a oralidade proporciona presença histórica e reconhecimento à visão de mundo de uma determinada comunidade em seu cotidiano.

Por isso, para captar as vozes difusoras das representações sociais que permeiam o imaginário dos habitantes e trabalhadores nas imediações do hospital o

recurso à história oral para a realização de entrevistas com a comunidade de Laranjeiras será essencial. Os dados serão tratados qualitativamente (análise do discurso) e quantitativamente (elaboração de tabelas e gráficos) que permitam visualizar com mais objetividade as informações recolhidas dentro o universo de entrevistados (a saber: idosos moradores das proximidades do hospital, familiares remanescentes dos Bragança, guias de turismo credenciados na cidade, professores e jovens, perfazendo um total entre 50 e 80 entrevistas).

Além de pesquisa realizada através fontes materiais configuradas nas ruínas do hospital. Serão portanto, utilizados os estudos de Andrés Zarankin (1999; 2002), sobre a Arqueologia da Arquitetura e as interpretações de plantas baixas, bem como de Pedro Paulo Funari (1988), sobre técnicas de utilização do espaço na pesquisa.

Através da ação sobre o espaço, o tempo e a destruição que se originou a Arqueologia Urbana, sendo utilizada na geração do conhecimento sobre a cultura material e a preservação do Patrimônio Cultural da cidade de Laranjeiras (SE).

La arqueología urbana nació como un área de investigación de carácter interdisciplinario; entrar al pasado significa sumarle a la arqueología la historia, poner los restos materiales junto con los documentos escritos y gráficos, tres formas de registros diferentes, y usarlos juntos para interpretar el pasado (SCHÁVELZON, 2002 p. 203).

Complementando esse cenário, com a Arqueologia da Arquitetura as construções passam a ser vistas como elementos ativos, produtos culturais que interatuam de forma dinâmica com o homem (ZARANKIN, 1999, p.241), proporcionando uma nova perspectiva de análise ao abordar aspectos relacionados com a conformação do entorno humano.

Ao pretender uma reflexão sobre as representações sociais dos grupos locais num sentido cultural e histórico, através das ruínas do hospital, busca-se decodificar as informações contidas na materialidade de forma inteligível para o acesso da população ali circundante, empreendendo-se a valorização social, a salvaguarda, e a inserção cidadã dos laranjeirenses na apropriação de seu patrimônio.

Será fundamental ainda nesta pesquisa a utilização de fotografias do edifício no passado e das ruínas no tempo presente, para um melhor entendimento da materialidade do antigo hospital, empreendendo uma análise mais detalhada das estruturas visíveis, uma vez que: “Uma paisagem cultural não pode ser vista como única, mas como múltipla, nela coexistindo vários fragmentos de realidades

temporais, revelando assim a relação dos indivíduos com os valores dominantes” (SILVA, 2000/2001, p.172)

Sendo assim, o trabalho metodológico com as imagens encontra um guiamento técnico no trabalho de Kossoy (1989, p.24) que compreende a fotografia como elemento de subsídio à pesquisa a partir do momento em que se dimensionam seu: assunto; fotógrafo; tecnologia e coordenadas de espaço e tempo. A fotografia para a história é de fundamental importância, considerado como “[...] um novo processo de conhecimento do mundo, porém de um mundo em detalhe, posto que fragmentário em termos visuais e, portanto, contextuais (KOSSOY, 1989, p.15).

A partir de entrevistas e análise das fotografias através dos entrevistados percebe-se muito a presença dos mitos discursivos em volta das ruínas do hospital São João de Deus. Onde realmente funcionou o hospital? Lampião teria feito a cirurgia de retirada de um olho neste hospital? Que representação teve o hospital e tem hoje enquanto uma edificação em ruína?

Todo esse estudo está sendo realizado para demonstrar a importância do hospital São João de Deus muito pouco relatado em estudos, mas ainda presente na memória laranjeirense e nas fotografias como peças fundamentais para concluir este trabalho no entender sobre o que foi o hospital São João de Deus dentro de uma representação social, almejando ao fim resultados discursivos acerca da sua apropriação.

3. REFERÊNCIA BIBLIOGRAFIA

ARANTES, A. Antônio. Patrimônio cultural e cidade. In: FORTUNA, Carlos; LEITE, Rogério Proença. **Plural de cidade: léxicos e culturas urbanas**. Coimbra: Editora Almedina, 2009.

AZEVEDO, Camarino Bragança de. **Doutor Bragança, esse varão laranjeirense**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1971.

BRAGANÇA, Antônio Militão. **A Varíola em Laranjeiras (1911-1912)**. Estado de Sergipe- Aracaju: Typ. Xavier, 1912. 53p.

BURKE, Peter. **O que é história Cultural?** Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.191p.

CARDOSO, Ciro F.; MAUAD, Ana Maria. História e imagem: os exemplos da fotografia e do Cinema. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da**

história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 401-417.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural:** entre práticas e representações. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. 245p.

FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. **Ver a cidade.** Cidade, imagem, leitura. São Paulo: Nobel, 1988.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Arqueologia.** São Paulo: Editora Ática, 1988.

GUARANÁ, Manoel Armindo. **Dicionário Bibliográfico Sergipano.** Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1925.

JORGE, Vítor O. **Arqueologia, Património e Cultura.** Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

KRAMER, Lloyd S. Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra. In: HUNT, Lynn (org.). **A Nova História Cultural.** São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 131-132.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história.** São Paulo: Ática, 1989.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Manual para elaboração de monografias e dissertações.** 2 ed. São Paulo: Atlas, 2000.

MASCARO, Cristiano. **A fotografia e a arquitetura.** Dissertação de Mestrado/Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo: FAU-USP, 1994.

MELLO, Janaina Cardoso de. A Arqueologia Histórica em Laranjeiras (SE-Brasil): uma proposta de salvaguarda da cultura material portuguesa nas ruínas da cidade. **Revista de História da Sociedade e da Cultura**, 11 Tomo I, Coimbra (2011a), p. 297-315.

NUNES, Verônica M. Meneses; SANTOS, Maria Socorro Soares dos. Bibliografia laranjeirense. In: NUNES, Verônica Maria Meneses; NOGUEIRA, Adriana Dantas. **O despertar do conhecimento na colina azulada.** A Universidade Federal de Sergipe em Laranjeiras. Vol. 1. 2ª Ed. São Cristóvão: EDUFS, 2009, p.155-207.

OLIVEIRA, Philadelpho Jonathas de (cônego). **História de Laranjeiras Católica.** 1ª Ed. Aracaju; Casa Ávila, 1935, 289 p.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura.** 7ª Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

ORSER JR, Charles E. **Introdução à Arqueologia Histórica.** Tradução Pedro Paulo Abreu Funari. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992.

PAULS, Elizabeth P. The place of Space: Architecture, Landscape, and Social Life. In: HALL, Martin and SILLIMAN, Stephen W. **Historical Archaeology**. USA: Blackwell Publishing, 2006. p. 65-83.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

RELATÓRIO DE PRESIDENTE DE PROVÍNCIA (1835-1918). Sergipe, 1867. 160p.

SANTANA, Antônio Samarone de; DIAS, Lucio Antônio Prado; GOMES, Petrônio Andrade (Orgs.). **Dicionário biográfico de médicos de Sergipe (séc. XIX e XX)**. Aracaju: ASM, 2009.

SANTOS, Nadja Ferreira. **Interface entre arquitetura e Arqueologia na preservação do patrimônio cultural urbano**. Dissertação de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural/ Universidade Federal de Pelotas. Pelotas: UFPel, 2009. 156f.

SCHÁVELZON, Daniel. El Futuro do Pasado: Indagaciones en arqueología urbana. Ciudad y Ciudadanos: Aporte para la enseñanza Del mundo urbano. Silvia Alderoqui y Pompei Penchansky (compilacion), **Cuestiones de Educación**, nº36, Editorial Paidós, año 2002. p.199-215.

SILVA, Eder Donizeti da; NOGUEIRA, Adriana Dantas. “Lançando um olhar sobre o patrimônio arquitetônico de Laranjeiras”. In: NUNES, Verônica Maria Meneses; NOGUEIRA, Adriana Dantas. **O despertar do conhecimento na colina azulada**. A Universidade Federal de Sergipe em Laranjeiras. Vol. 1. 2ª Ed. São Cristóvão: EDUFS, 2009, p. 35-98.

SILVA, Lígia Maria Tavares da. **Fotografia e paisagem urbana**. Saeculum, n. 6/7, Jan./Dez., 2000/2001, p.171-182.

SIMÕES, Juliano. Dr. Antônio Militão de Bragança. **Revista do IHGSE**. Aracaju, v.19, n.24, 1960, p.73-74.

THOMAS, Julian. Archaeologies of Place and Landscape. In: HODDER, Ian. **Archaeological Theory Today**. Cambridge: Polity Press, 2001. p. 165-186.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOURTIER-BONAZZI, Chantal de. Arquivos: Propostas metodológicas. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p.233-245.

ZARANKIN, Andres . Casa tomada; Sistema, poder y vivienda domestica. In: Andres Zarankin; Felix. A. Acuto. (Org.). **Sed non Satiata; Teoria Social en la Arqueologia Latinoamericana Contemporanea**. 1 ed. Buenos Aires: Del tridente, 1999, v. 1, p. 239-272.

____. **Paredes que domesticam:** Arqueologia da Arquitetura Escolar Capitalista. O caso de Buenos Aires. Campinas: CHAA-IFICH - UNICAMP/FAPESP, 2002.